

As time goes by: do embuste ao valor

It seems, however, every way probable that even the acknowledged difficulties occasioned by the law of population tend rather to promote, than impede, the general purpose of providence. They excite universal exertion, and contribute to that infinity variety of situations, and consequently of impressions, which seems, upon the whole, favourable to the growth of mind. It is probable that too great or too little excitement, extreme poverty, or too great riches may be alike unfavourable in this respect.

T. R. Malthus, 1798¹

As crises económicas sucedem-se na História - é uma figura recorrente invocar a *crise*, dir-se-ia mesmo que dominante, são raros os períodos em que não se afirmou que o mundo estava em crise no século XX, por exemplo. Numa perspectiva *malthusiana* as crises são processos que servem para regular aspectos demográficos e de pegada ecológica. Em termos de retórica social o discurso da crise faz recordar o *pharmakon*, termo grego que serve simultaneamente para designar um remédio e um veneno. Esta que está no ar parece comparável à Grande Depressão de 1929-33 e portanto convém tê-la presente.

A Grande Depressão sucedeu como consequência do esforço financeiro da Grande Guerra de 1914. Uma guerra tem que ser financiada e gera a sombra de um abismo; é uma figura recorrente, Galbraith contava a propósito da Grande Guerra que a questão decisiva², nessa como noutras guerras, não estava no que poderia acontecer ao dinheiro - esse, como sempre, era a mola real das necessidades em tempo de guerra -, o que contava era a forma como se poderiam obter os fundos para pagar a guerra. Filósofos contemporâneos mantêm que é [absurdo](#) distinguir entre economia real e financeira, as duas são uma só.

Esta guerra do Iraque teve como contrapartida financeira o efeito *subprime*, um tsunami agravado em pacotes de hipotecas sobre hipotecas com alta taxa de rentabilidade, titularizados, certificados, seguros e ressegurados, que afinal eram bolhas de sabão, valem nada. Veja-se a perversão do contrato fiduciário estabelecido: para quem tem mais dificuldades a pagar agrava-se a taxa de juro por causa do risco, tornando inevitável o incumprimento, transformando o risco em certeza. Ora, qualquer um podia ver que isso ia logicamente acontecer e no entanto a coisa foi de tal maneira titularizada para passar dissimulada que a Islândia, a Irlanda, os países nórdicos, a Suíça, a Europa, o Mundo, perdem bateladas de dinheiro que sublimou.

¹ T. R. Malthus. 1798. An Essay on the Principle of Population. Oxford University Press (Geoffrey Gilbert), 1993, pag 147, 148

² John Kenneth Galbraith. 1975. O Dinheiro: donde veio, para onde foi. Publicações Europa-América. Mem Martins, 1987, pag. 138

Acorreram os Estados com as suas potências, nas diferentes valências, a salvar a confiança dos cidadãos e ainda bem. Mas têm que ser consequentes. O que aconteceu foi que se usou e abusou das poupanças e do trabalho da base de pirâmide societal, ao ponto de gerar cavitação no xilema da árvore financeira - cavitação gera embolias e morrem ramos, e generalizada pode levar ao colapso.

Em 2000 [escrevemos](#) *catástrofes fiduciárias* onde esquisávamos um método semiótico para diagnosticar efeitos e relacioná-los com causas, prováveis ou verosímeis, a partir da análise de um texto de Galbraith.

Em 2003 voltámos à [carga](#), desta feita de forma mais incisiva. Parecia-nos que estava à vista, dentro da figura geral da crise de valores, que o embuste da guerra do Iraque alimentava uma espiral de dinheiro para financiamento que havia de derruir, evaporar, porque provinha dum laço de confiança roto, uma mentira: a (in)existência de armas de destruição maciça para justificar uma invasão. Globalmente estava em cima da mesa uma crise de confiança, de fidúcia. Francisco Louçã [analisa](#) circunstanciadamente o assunto e as suas implicações em Portugal, e esclarece que o montante do plano Bush/Paulson é sensivelmente equivalente ao financiamento da guerra do Iraque.

Esta crise financeira é uma faceta de um problema mais geral: uma crise de valores. O *valor* é a cruz dos filósofos, diz Paul Ricoeur.

A reflexão mais fértil sobre valor/valores que conheço estabelece que só podemos falar de *valor* com duas dimensões, através duma tensão dialéctica entre dois conceitos. Assim é com Marx que, na Economia Política, estabeleceu a dicotomia *valor de uso/valor de troca* sendo o primeiro intrinsecamente subjectivo mas relativo a um uso real, e o segundo interpretado como medida, valor médio, o número de horas de trabalho(s) necessário(s) para produzi-lo num dado contexto social, associando-se ao conceito de [mais-valia](#).

Também na Linguística, Saussure afirmava que³, tal como na economia, se está em face da noção de *valor*, onde se trata de um sistema de equivalência entre coisas de ordens diferentes: numa entre um *trabalho* e um *salário*, noutra entre um *significado* e um *significante*, constituindo-se dois eixos distintos, duas dimensões.

É com Fontanille e Zildeberg que se actualiza o conceito de valor como *estrutura tensiva*, com duas dimensões ou valências, o mais das vezes associadas⁴ respectivamente a *intensidade* (ou energia) e *extensão*, ou, correlativamente, valores de absoluto e valores de universo. Tomando estas duas dimensões como um plano, e admitindo que um índice de confiança se expressa como função daquelas duas

³ Ferdinand de Saussure. 1971 (1916). Curso de Linguística Geral. Publicações D. Quixote, Lisboa, 1999, pag. 142

⁴ Jacques Fontanille e Claude Zildeberg. 1998. Tensão e Significação. Discurso Editorial, São Paulo, 2001, pag. 45

variáveis associadas às valências, e admitindo uma vez mais o modelo interpretativo da *ruga* da Teoria das Catástrofes, recorreremos a um gráfico de Petitot para ilustrar⁵ a situação. Está representada uma superfície como se fora uma folha de papel dobrada, a dobra só vai até meio e a dobra faz duas pregas. No plano da base estão as duas dimensões que formam a *estrutura tensiva* (u,v) e na vertical expressa-se um índice de confiança, ou de valor: X . A folha de papel dobrada – uma superfície imersa em 3D – representa a *variedade de equilíbrios* da catástrofe elementar conhecida como *ruga*⁶.

A curva desenhada no plano da base chama-se *cúspide* e representa a projecção do rebordo que na superfície está associado a zonas de salto, se imaginássemos uma bolinha a percorrer a folha. O rebordo onde ocorrem os saltos é o conjunto catastrófico desta figura, deste modelo hermenêutico – é a zona perigosa. A bolinha pode deslizar suavemente sobre a variedade de equilíbrios na zona para lá do *ponto de cúspide*, mas de lá para cá, salta no rebordo, uma queda abrupta, uma catástrofe no modelo do sistema físico pressuposto.

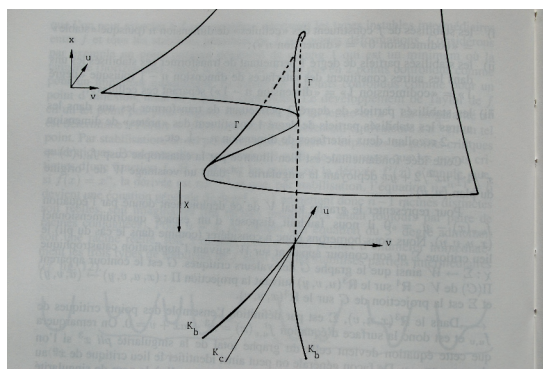


Fig. 1 – A *ruga*: a curva projectada chama-se *cúspide*

Em 2000 e 2003, nos textos referidos, chamámos a atenção de que era urgente uma *atenuação* da crise de valores emergente. Atenuar significava em termos políticos retirar do Iraque e desembraiar as ferramentas financeiras acopladas, e restaurar valores de verdade e humanidade: procurar retroceder suavemente na recuperação de valores denegridos. Não sucedeu assim e a era Bush que agora termina foi maldita para valores que se tomavam por adquiridos no final do século XX: foi a era do embuste. O novo presidente dos EUA terá de arcar com essa responsabilidade. Não existe só a retórica da atenuação, a ela opõe-se a da amplificação⁷, que pode gerar revolução, e o único desafio mental interessante, para nos recolocarmos na epígrafe de Malthus, é procurar uma saída justa.

O modelo adequado parece ser o árvore-fonte. Até lá o valor da vitória é proporcional ao da resistência e o da confiança à verdade.

⁵ Jean Petitot-Cocorda. 1992. *Physique du Sens*. Éditions CNRS, Paris, pag. 150

⁶ Jean Petitot. 1985. Local/global in *Enciclopédia Einaudi*, vol 4: Local/global, pag. 11-71, IN-CM, Lisboa

⁷ Jacques Fontanille. (1999) 2003. *Semiótica do Discurso*. Editora Contexto, São Paulo, 2007, pag. 112